

Achilles Lisboa:

Um espírito polimorfo

Pedro Henrique Miranda Fonsêca *



Achilles Lisboa (1872 - 1951).
Foto tirada em janeiro de 1932,
quando Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

* Médico e membro da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.

Médico, cientista, pesquisador, farmacêutico, botânico (dirigiu o Jardim Botânico do Rio de Janeiro de 30/06/1931 a janeiro de 1933), leprólogo, educador (fundou o Instituto Cururupuense, moldado nos princípios fundamentais da École des Roches, de Camille Desmoullins, em 1925, que se tornou um modelo de estabelecimento de ensino técnico-profissional, e um dos fundadores e primeiro diretor da Escola de Farmácia do Maranhão em 1922), ensaísta, jornalista, político (Prefeito municipal de Cururupu - Maranhão de 1922 a 1925 e Governador do Estado do Maranhão em 1935/36), polemista e poeta.

Como cientista e pesquisador, cabe-lhe o mérito de ser o primeiro médico a usar no Maranhão o microscópio, na verdade o introdutor deste aparelho no Estado, além de descrever aí os primeiros casos de esquistossomose mansônica em 1918 (dez anos após a descoberta do *Schistosoma mansoni* por Pirajá da Silva), bem como o décimo caso de estromgilose renal huma-

na (causada pelo nematódio *Strongylus renalis*, que frequentemente parasita o rim do cachorro) em uma paciente na localidade Maioba, arrabalde de São Luís - Maranhão.

Sua obra poética, em grande parte inédita, encerra: O professor; Consolo; A ventura dos cisnes; Súplica. Ninho deserto; Força estranha; Meu suplício de Tântalo; O hino dos lázaros de São Luís; Credo; Hino ao cafeeiro; Evolução sinistra; Num plenilúnio à beira-mar; Ansiedade; Vozes do coração; Eu e meu fraco; Salus mea; In fine vitae; Trovas nostálgicas; Inhambu chorona.

Essa última, que transcrevemos, foi composta durante uma viagem da cidade de Cururupu - Maranhão para a sua fazenda no interior do município.

A tarde caía e na solidão daquelas paragens pré-amazônicas, eis que canta a Inhambu chorona, tinamídeo muito comum naquela região, que por seu canto triste recebe esta designação. Tirando, então, do alforje papel e lápis, compôs os versos a que deu o nome da ave que exalava seu canto naquela hora finda do dia:

*Canta a inhambu chorona (A mata é escura,
Esmorece do dia a claridade):
Modulações de um hino de ternura,
Dolências de uma elegia de saudade!*

*Tudo o que é doce, tudo o que a natura
Tem de mais grato aqui - a amenidade*

*Dos caminhos em flor e na espessura
Da floresta o sentir que nos invade*

*Tudo neste hino sensitivo canta
Num sonoro trinar que nos levanta
Para um mundo de estranhas fantasias!*

*Ao ouvi-lo, revive-me a lembrança
Dos meus saudosos tempos de criança
Triste evocar de mortas alegrias!*

PEREIRA BARRETO

Roque Spencer Maciel de Barros

Luiz Pereira Barreto (1840/1923) é uma das mais fascinantes figuras de nossa história intelectual. Médico, pensador, agricultor, polemista, suas atividades praticamente não se esgota em campo algum. Tudo lhe interessa, desde o combate à febre amarela e à criação da viticultura nacional, até os problemas de cirurgia plástica e os trabalhos de Voronoff sobre o rejuvenescimento, para citar algumas de suas preocupações. Essa variedade de interesses, é claro, afetou, e muito, a qualidade de seu trabalho: talvez ele não tenha sido uma figura exponencial em qualquer dos campos que atraíram o seu interesse e a sua curiosidade. E, contudo, é a variedade mesma de suas preocupações, a energia que o acompanha em cada novo empreendimento, o que nos fascina. Não, convenhamos, pela simples variedade ou pela superabundância de energia, mas pela unidade de propósitos que sustenta, pela fé que em tudo o guia. "A fé que não age será uma fé sincera?", perguntava Racina num verso de *Athalie*. A de Pereira era inegavelmente sincera, pois, a cada instante, se transformava em ação. Porque, efetivamente, o que o interessava não eram a pecuária e a viticultura em si mesmas, não era esta ou aquela questão em particular. A partir de suas convicções positivistas, que evoluíram de uma rígida ortodoxia para uma heterodoxia muito mais sedutora, por sua independência, Pereira Barreto estava efetivamente empenhado, como diríamos hoje, na "modernização" do País.

O período, anterior ao de Barreto, de nossa história espiritual, dominado pelo romantismo, caracterizou-se pelo esforço de definir uma *identidade nacional*, algo que nos caracterizasse originalmente em face de outras nações e de outros povos: imaginava-se então, à moda romântica, atingir o universal a partir do nacional. O movimento de idéias que se segue, e que teve, como marco inicial, aproximadamente o ano de 1870, estendendo-se, também aproximadamente, até o fim da primeira grande guerra, é marcado, ao contrário, por convicções universalistas, acompanhados de uma visão prospectiva do porvir da humanidade: homem de seu tempo, Barreto é uma figura de proa dessa nova fase de nossa história espiritual, podendo até ser tomado, simbolicamente, como aquela que melhor a

representa no que tem de mais característico.

Transformando a filosofia positivista da história em um instrumento de interpretação da vida nacional, Barreto viu sempre, nesta, um processo integrado na história universal, embora em atraso com relação a ela. Tratava-se, portanto, no seu entender, de "acelerar" a marcha do País, de atravessar o mais rapidamente possível a "nossa pesada idade média", a fim de que nos puséssemos no "nível do século", integrados plenamente na civilização. A isso, a esse esforço de integração, a essa tarefa antes de tudo educativa, dedicou ele sua vida inteira. E que eram essa tarefa e esse esforço senão uma forma do desenvolvimento - ou da "modernização" - nacional?

• Não é aqui nosso intento esmiuçar as atividades de Barreto, às quais, já vai longe, dedicamos um livro (*A evolução do pensamento de Pereira Barreto*, S. Paulo, Grijalbo-Edusp, 1967, obra em que refundimos nossa tese de doutoramento, defendida em 1955), mas apenas refletir sobre um aspecto de seu pensamento modernizador, que nos parece conservar uma permanente atualidade. Queremos referir-nos, precisamente, àquele aspecto universalista de seu pensamento e de sua atitude, a que nos referimos. Pouco importa, para essa reflexão, no que ela tem de efetivo e prático, que esse universalismo estivesse ligado a uma "mitologia da história". A falsidade do mito, por mais que o lastimemos, não tira nada de sua força propulsora, como tão bem o percebeu o Georges Sorel das *Reflexões sobre a violência*, como eficientemente o aprenderam com ele tanto Mussolini quanto Lenin. "Uma fé (...) - lembra Karl Popper - pode ser uma poderosa força política; pode ajudar a produzir o que prediz". Esqueçamos, contudo, as figuras sinistras de Lenin ou Mussolini, que aqui entram apenas a título de ilustração: o "mito" barretiano, positivista, mas aberto, não tinha nada de sinistro - e, não fosse a estrutura mitológica do pensamento que o escudava, bem poderia ser formulado como um ideal racional e consistente.

Convicto de que as diferenças entre as nações são de *fase* e não de *natureza*, que há uma humanidade comum entre os povos, diferenciando-os ape-

nas o estágio de sua evolução, como afirmava o positivismo, Barreto não advogou nunca como fundamento de nossa política - e como ele pensavam os expoentes de seu tempo - qualquer estreito nacionalismo. Sem se deixar embair por qualquer "interpretação conspirativa da história", para usar de uma expressão de Popper, Barreto defendeu sempre, e intransigentemente, a imigração e a entrada de capitais no País, ao lado de uma extensa e fecunda reforma da educação, como o meio eficaz para acelerar o processo de nosso desenvolvimento. Precisamos de braços, precisamos de cabeças, precisamos de capitais - racionava ele - para diferenciar nossa agricultura, expandir nossa indústria, explorar adequadamente nossos recursos naturais, livrando-nos da "monocultura do café", que nos reduzia a uma situação "colonial". Nessas condições, como pretender que o País se feche, que tema o estrangeiro, que se entregue a um "nacionalismo" inglório e tacanho, além de humanamente indigno?

Não nos podemos desenvolver sem um amplo e fecundo esforço próprio, sem combater eficazmente a ignorância, sem formar os técnicos de que um país industrial necessita - e para fazê-lo é preciso buscar, confiantemente, os recursos para essa obra onde eles se encontrarem e onde houver disposição para fazê-los participar de nossa vida e de nossa economia, sem nos entregarmos ao suicídio de um nacionalismo xenófobo e sem grandeza de quem não tem coragem, sequer, de admitir os próprios erros e malogros, preferindo lançá-los sempre às largas costas dos outros, transformando cada estranho numa espécie de "monstro mitológico", daqueles que povoam os contos de fadas.

Isso não quer dizer que Barreto não fosse "nacionalista" a seu modo, isto é, um verdadeiro patriota, naquele sentido definido, com felicidade, por Gilberto de Mello Kujawski (*A pátria descoberta*, Campinas, Papirus, 1992). Patriota que, amando seu País, lutando sempre por ele, não esquecia as dimensões universais em que o Brasil se insere, as conexões com a civilização a que pertence.

Para finalizar, acentuemos um aspecto desse "nacionalismo" ou patriotismo que passa a integrar o pensamento de

Barreto nos princípios deste século e que está expresso no seu trabalho *O século XX sob o ponto de vista brasileiro*, que, aliás, deu ensejo a uma vasta polêmica jornalística, envolvendo Eduardo Prado, D. Miguel Kruse e várias outras figuras, entre elas um pensador de relevo desse tempo, Estelita Tapajós, médico como Barreto e voltado para questões de ordem filosófica.

Barreto, ele próprio irreligioso, defende aí uma espécie de "nacionalismo religioso", uma Igreja nacional, de matriz protestante, convicto de que ela poderia auxiliar no desenvolvimento moral e educacional do País. Aderindo a uma tese sustentada, entre outros, pelo economista belga Emílio de Laveleye, que, em ensaio sobre *O futuro dos povos católicos*, atribui ao protestantismo, com a sua exigência, no mínimo, de educação básica, para a leitura da Bíblia e para tratar "dos negócios deste mundo" (como ensinava Lutero), a superioridade dos povos anglosaxões e germânicos sobre os latinos, Barreto crê que a propagação de uma Igreja Nacional-protestante no País poderia conduzi-lo a um estágio superior de progresso. Obviamente, isso nada tinha que ver com o positivismo, mesmo porque Comte, nesse caso na linha do tradicionalismo católico, acusava o protestantismo de agente da crise espiritual europeia e nunca escondeu a sua admiração pela organização católica medieval, em que baseou a sua extravagante Religião da Humanidade, com seus cultos, templos e sucedâneos dos sacramentos. O que mostra, sem entrar no mérito da tese ou da polêmica - a independência de espírito de Barreto, esse homem sob tantos aspectos extraordinários.

Há, na cultura brasileira, um fenômeno que se poderia designar como "descontinuidade das gerações": esquecemo-nos depressa dos esforços já feitos e desconhecemos freqüentemente nossas tradições intelectuais, morais e até mesmo, às vezes, políticas, o que nos leva a arrombar portas abertas. Pereira Barreto tem sido, em grande parte, vítima desse fenômeno. E, no entanto, valeria a pena conhecê-lo, pois ele conserva muito de atual, como a sua atitude universalista que tão bem se coaduna com a globalização a que o nosso tempo está assistindo.

Contrastes da vida médica

• Hallim Féres

Se você jurou para salvar vidas, certas circunstâncias podem levá-lo a fazer o contrário ou quase.

Vejam os.

Noite chuvosa de inverno, que acontece muitas vezes por estas bandas, apareceu um senhor com chapéu, botas, num animal cansado, chamando para um moço em estado de "bebedeira" e que perdeu o conhecimento.

A procura de um "pé de bode", achei o Palmiro, chofer para qualquer hora e tempo. Vinte quilômetros para as Minas Gerais. Duas horas para vencer o que o cavaleiro levava quatro sob tempestade e frio. Paramos no alto do morro, a casa a cem metros na baixada. Não dava para descer com o Ford. Fui a pé amassando saibro escorregadio.

Moço em estado de coma alcoólico. Ha-

via bebido um litro de conhaque.

Desespero total, pai, mãe e irmãos. Desespero que pouco faltou para contagiar o médico. Toda medicação de urgência foi aplicada. Duas horas de luta para cumprir a obrigação, salvar uma vida. E nada. Faleceu. E nessa hora de angústia o pai saiu para o terreiro, gritando: "eu mato, eu mato...".

Julguei que era comigo. Fechei a mala e sai por onde entrei. Vejo, descendo pela estrada, correndo, com alguma coisa na mão (o revólver), o meu chofer e perguntando o que aconteceu. Vamos embora, disse eu. O rapaz morreu e o pai está alucinado.

Entramos no carro que já estava virado e voltamos rapidamente para a cidade.

Dias depois, surge alguém pela porta do

consultório. Ele entra e eu abro a gaveta de escrivãinha, à espera. Com a sua simplicidade, humildade e tristeza na face, disse bondade e sentou. Fechei a gaveta.

E contou. Na venda o filho e o amigo fizeram uma aposta para beber, cada um, um litro de conhaque. O dele bebeu. O desespero não era contra o médico, mas sim contra o amigo.

Tornam-se, ele e sua família, meus clientes por muitos anos.

E até hoje me sinto aliviado de não ter usado o que estava de jeito na gaveta.

Se jurei para curar, como poderia matar?

• Hallim Féres é médico

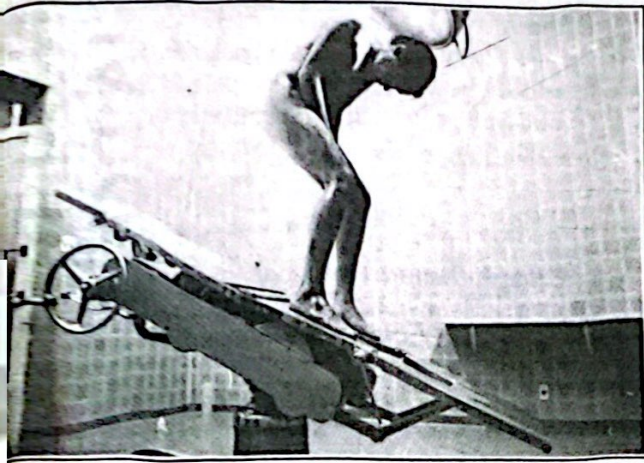
** Esta crônica recebeu medalha de bronze no Congresso Nacional da Sobremesa em 20/5/94

O texto bíblico Livro de Jó, em adaptação de Luiz Alberto de Abreu, está sendo encenado em todos as instalações do desativado Hospital Umberto Primo pelo grupo Teatro da Verigem, o mesmo que, em 1992, foi causador de acirrada polêmica por haver cometido a supina ousadia de ocupar a Igreja de Santa Ifigênia para ali encenar uma concepção muito pessoal do Paraíso Perdido.

Assistir ao Livro de Jó significa ter de percorrer as dependências do hospital,

JÓ NO HOSPITAL

Declo Drummond



Matheus Nachtergaele, no papel de Jó, na sala de parto do Hospital Umberto I

seguindo os autores à medida que interpretam os vários episódios que compõem a peça. São três andares de salas, corredores, macas, mesas de curativos, camas articuladas, radiografias e demais equipamentos hospitalares.

Dito assim, parece apenas mais um desses espetáculos atualmente muito em moda e que se convencionou denominar "teatro interativo". Nada disso. O Livro de Jó é não só um espetáculo emocionante, mas, acima de tudo, um texto esmagador em sua pureza poética, indissolúvelmente vinculado ao espaço em que está sendo representado. Não há local mais apropriado para cenário de misérias, de dores e de doenças do que um hospital.

A peça, uma transposição quase *ipsis verbis* do texto do Velho Testamento, consiste em um impressionantemente atual debate em torno da angústia existencial em que mergulha o ser humano ao se saber só e desamparado, à mercê de um absurdo que não pode entender. O texto é tão atual em suas reflexões que é possível que é possível até concluir que Kierkegaard teve no Velho Testamento a origem de sua filosofia ("... é necessário primeiro que o indivíduo se haja esgotado na infinitude para chegar ao ponto em que a fé pode surgir". - Soren Kierkegaard in *Temor e Tremor*).

Jó foi objeto de uma aposta entre Deus e Satanás: a fé, até então inabalável, de Jó resistirá realmente a qualquer prova? ("Estende a tua mão e tira-lhe tudo quanto tem e verás se não blasfema de ti na tua face", desafia Satanás). A partir dessa aposta em que Deus, à custa de um de seus filhos, mede forças com Satanás, Jó vai caindo cada vez mais fundo em sua suprema infelicidade, sem, contudo, perder a fé, pois, diz ele, "pode um homem entender as razões de Deus?" E quando sua mulher se revolta e blasfema é o próprio Jó quem justifica os misteriosos desígnios divinos.

Só, desamparado e doente, Jó passa a duvidar das palavras de consolo de seus amigos ("Não dê conselhos sobre a dor humana quem não estiver mergulhado na dor").

Na curva percorrida a partir da fé indiscutível até a dúvida insidiosa, Jó como que renasce, não mais com a antiga fé cega, mas como um novo homem, que crê com a consciência e com a razão ("com meus ouvidos ouvirei, agora que te vêem meus olhos").

É um espetáculo esmagador que, ao fim, deixa a impressão de que não poderia ser encenado em outro local. Há cenas de tão pungente beleza que é difícil conter lágrimas de pura e incontrolável emoção: Jó, saindo da mesa de parto para a intensidade da luz, renascido e pacificado; Jó, de pé, nu, imóvel, em frente ao grande vidro opaco de uma janela iluminada por trás - um instante digno do melhor El Greco; a Mulher de Jó, vituperando, lá embaixo no poço da escadaria. Apenas alguns dos muitos e inesquecíveis momentos de um espetáculo de rara beleza.

A direção de Antônio Araújo tira o máximo partido dos espaços do hospital, fazendo com que os atores representem em feio aos espectadores, uma proximidade que, ao invés de confundir, torna ainda mais profunda a intimidade com o texto.



Eduardo Knapp

A mulher de Jó (Cena de O LIVRO DE JÓ)

Dr. Orpheu Gilberto D'Agostini

(Dulio Crispim Farina)

Lá naqueles chãos sagrados do Jaú, terras de Ribeiro de Barros, Benedito Montenegro (nosso mestre de cirurgia) e de Tércio Barros Pimentel (irmão de Confraria Universitária e de idénticos ideais), ficou sepulto o velho companheiro das sete partidas da vida. Orpheu Gilberto D'Agostini. Conheci-o, e bem me lembro, em dia longínquo dos exames de admissão ao venerando Ginásio do Estado, em 1934, lendário estabelecimento de ensino então sob a égide de Martim Egídio Dany.

Meninos, garotos de 10 anos, entre tantos mais, até entrados em idades bem maiores, disputavam 50 vagas entre centenas de candidatos. As bancas com entes renomados, Paulo Décourt, Cândido Gonçalves Gomide, Antonio Cesarino Júnior, Marinho Briquet, Barbosa Muniz, Alexandre Corrêa, Ataliba Nogueira, e outras altas celebrações, tudo a demonstrar justeza e rigorismo.

E ali ao lado nas provas, em convívio primeiro, Orpheu Gilberto D'Agostini já a entredemonstrar, na simplicidade do trato, a nobreza d'alma e os sentimentos puros, galardão e fãl de vida digna de ser vivida.

Depois as impressões sempre renovadas do jovem de escola, homem de retidões imaculadas, no bacharelado de ciências e letras, nos concursos, vestibular e habilitação, Colégio Universitário e Curso Médico da sempre amada e reverenciada Faculdade de Medicina de São Paulo, a eterna, douta, colenda e egrégia Casa de Arnaldo.

Dias idos e vividos. Turma de 1947, com os colegas do ginásio do Estado, os saudosos Osvaldo Salzano, Ademar Mário Fiorilo, Valdomiro Ayres, Carlos Zindal, Fausto Brusarosco, Kitiro Kumagai, Breno Iulo Quintanilha Ribeiro, e mais os ainda presentes, para nosso gaudio, Vitor Pereira, Antonio Damasco, Walter Bloise.

Muito forte, grosso no talhe, gordo até em demasia mas com as finesses do espírito atilado, não alto, mediterrâneo, a lembrar o ator Aldo Fabrizzi, temperamental nas explosões vesuvianas, mas com moderação da bondade, característica primordial de sua personalidade.

Era antes de tudo um romântico, afável, saudosista, último apreciador da Serenata de Toseli. Bom aluno, melhor clínico, humano, caridoso a repetir em gestos e atitudes a afirmação de Miguel Couto: se a Medicina não está toda na bondade, menos vale sem ela. Mas se tudo isso não bastasse, ao reto cidadão, ao amantíssimo pai e esposo, e amigo sem peias, ainda nele exornavam duas faltas dominantes entre as múltiplas de sua polimorfia personalidade.

Enxadrista exímio desde os bancos acadêmicos. Campeão pelo Centro Osvaldo Cruz, por S. Paulo e pelo Brasil. Nome inscrito entre as inteligências superiores do enxadrista das Américas, por títulos, pejejas e escritos.

Médico, conhecedor profundo dos fármacos, distinguia-se na assessoria do evolver da arte das formulações como exponencial e difícil de ser igualado.

Em noite de galas e homenagens, também ao saudoso Fausto Spina, pudemos, por justiça e méritos, situar a figura de Orpheu D'Agostini na História da Farmácia em Piratininga. Incorporou-se ao grupo de novos Galenos e Esculápios vitoriosos na luta inclemente contra a Parca Insidiosa.

A notícia de seu desaparecer terreno deixa São Paulo científico consternado e os antigos colegas da Casa de Arnaldo, romeiros da mesma peregrinação, tarjados de luto, no dobre de finados, sinos pungentes da saudade evocativa de um grande e operoso médico, um excepcional filho de Piratininga, Orpheu Gilberto D'Agostini. Até sempre, queridíssimo companheiro, sonhador impenitente.

Dulio Crispim Farina é membro da turma de 1947 da Faculdade de Medicina da USP; presidente do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz em 1946; membro da Academia Paulista de Letras e 1º vice-presidente do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo.

Federação Brasileira de Academias de Medicina

São Paulo receberá, de 26 a 28 de maio, delegações das 17 Academias de Medicina do País. O objetivo da reunião é estabelecer as prioridades da área da Saúde a serem estudadas para apresentação no 6º Conclave da Federação Brasileira de Academias de Medicina a realizar-se em Goiânia, em agosto de 1996.

A Federação Brasileira de Academias de Medicina, por força estatutária, tem sede itinerante e sempre na Capital do Estado onde residir seu Presidente. O atual, Prof. Dr. Irany Novah Moraes, foi eleito, por unanimidade de votos de todas as Academias de Medicina Federadas, para que esta Capital sediase a Federação por ocasião das comemorações do Centenário da Academia de Medicina de São Paulo.

São as seguintes as Academias filiadas à Federação: 1- Academia de Medicina de São Paulo, 2- Academia Fluminense de Medicina, 3- Academia Paraibana de Medicina, 4- Academia Cearense de Medicina, 5- Academia Goiana de Medicina, 6- Academia Mineira de Medicina, 7- Academia Sul Rio Grandense de Medicina, 8- Academia de Medicina da Bahia, 9- Academia Pernambucana de Medicina, 10- Academia Paranaense de Medicina, 11- Academia de Medicina do Rio Grande do Norte, 12- Academia Maranhense de Medicina, 13- Academia de Medicina do Mato Grosso, 14- Academia de Medicina do Piauí, 15- Academia de Medicina do Pará, 16- Academia Nacional de Medicina do Trabalho, e 17- Academia Brasileira de Medicina de Reabilitação.

Os trabalhos contarão com a participação de todos os Delegados e, também, com os conferencistas convidados. A programação será a seguinte:

Dia 26 - Sexta-feira - 20:00 hs São Paulo e a qualidade de vida - Roberto Paulo Richter (Secretário Municipal do Planejamento); **20:45 hs A assistência à saúde** - José Knoplich (Presidente da Associação Paulista de Medicina); **21:30hs Debates.**

Dia 27 - Sábado - 9:30 hs Centenário da Academia de

Medicina de São Paulo - Raul Marino Jr. (Presidente da Academia de Medicina de São Paulo); **10:00hs Academia no futuro** - Cláudio Cohen (Presidente Eleito da Academia de Medicina de São Paulo); **10:30 hs Planejamento do 6º Conclave em Goiânia** - Luis Rassi (Presidente Eleito da Febram).

As reuniões serão no Salão nobre da Universidade Ibero-Americana à Av. Brig. Luís Antônio, 864.

As delegações terão intensa atividade cultural graças ao Secretário Municipal da Cultura, o jornalista Rodolfo Osvaldo Konder acolhendo-os na Programação do Teatro Municipal.

Dia 27 - Sábado - 16:30 hs, Quarteto de Cordas de São Paulo - Maria Vischnia - 1º violino; Betina Stegman - 2º violino; Marcelo Jaffé - viola; Roberto Suetholz - violoncelo; Convidado: Pianista Kennedy Moretti

Johannes Brahms - Quarteto número 2

Amante da polifonia, utilizava de forma admirável todas suas possibilidades. Grande admirador de Beethoven, o espírito de toda a sua música é romântico. Seu sentido da forma é altamente desenvolvido. De tremenda personalidade, é uma das expressões artísticas mais relevantes do século XIX. Nele convergem todas as direções estéticas de seu tempo, e, como Bach, significou a conclusão de uma época. Autor de inúmeras obras sinfônicas, concertos para piano, violino, danças, destaca-se também pela beleza de sua música de câmara, e pelos dois quartetos op. 51. O número 2, em Lá menor, é um dos mais encantadores momentos de sua obra.

Béla Bartók - Quinteto. Pianista Kennedy Moretti

Béla Bartók é, sem dúvida, uma das maiores glórias da música húngara de todos os tempos. As fontes de sua inspiração encontram-se no canto popular. Dele disse Einstein: "Béla Bartók é quem criou o único homem que foi capaz de criar uma síntese da linguagem musical primitiva e da artística." Sua música é um manancial de novas ideias.

É o grande compositor nacional húngaro do nosso século. Foi autor de obras que hoje são privilégio dos grandes concertos internacionais e, dentre elas, este famoso quinteto, que é uma das mais eloquentes páginas de sua música de câmara.

Dia 28 - Domingo - 10:30 hs, Orquestra Sinfônica Municipal - Regente: Maestro Reinhard Peters; Solista: Pianista Rudolf Buchbinder

Ludwig van Beethoven - Concerto nº 4 em Sol maior para piano e orquestra, op. 58. Pianista Rudolf Buchbinder

Este Concerto foi escrito em 1805-1806. Beethoven foi o intérprete na estréia em 1807. Dos cinco concertos para piano e orquestra que o gênio de Bonn escreveu, este foi concebido de forma a romper os elos com o classicismo e a virtuosidade. Trata-se de uma obra de extraordinário lirismo, em que, salvo um precedente mozartiano, o piano inicia solo, sem a participação da orquestra. De espírito sereno e reflexivo, a obra é única dentro da estética de seu tempo.

Franz Schubert - Sinfonia em Dó maior, "A Grande"

Foi iniciada em maio de 1825, e a estréia deu-se em Leipzig, em 1839, sob a regência do grande compositor Felix Mendelssohn. Esta Sinfonia representa o momento mais elevado da criação do autor. A obra foi descoberta por Robert Schumann, na cidade de Viena, após a morte do compositor austríaco, e dela assim falou Schumann: "Nas profundezas desta obra lateja alguma coisa a mais do que uma simples canção, bem mais do que simples alegria e pena. Nos transporta a um mundo onde não posso suspeitar ter estado anteriormente." Muitos são os momentos de maravilha e enlevo, pela grande riqueza de melodias, sutis variações, momentos de elegância vienense, modulações grandiosas.

Informações:

Rua Estados Unidos, 1732
Jardim América 01427-002
São Paulo, SP

Tel. (011) 853-6055

* Fax (011) 210-2277

Vida Cultural

A Summus Editorial lançou dois livros interessantes: O primeiro, de **Marlene Guirado**, "Psicanálise e Análise do Discurso", adentra os campos da lingüística e dos interiores da mente do homem, à luz da doutrina freudiana. O segundo, "De Pessoa a Pessoa", escrito por **Richard Hycner**, tem, como questão central, o encontro entre o terapeuta e o paciente. Existencialista, o autor é influenciado pela filosofia de Bubner e pelo desenvolvimento e aplicação dessa filosofia por Maurice Friedman.



Eduardo Lambert, pela Editora Siciliano, publicou mais uma obra, "Relaxterapia". Apon-ta os benefícios trazidos pela prática do relaxamento, mostrando como, através do auto-relaxamento, aliviar as tensões do dia-a-dia, os medos, as fobias, as depressões, proporcionando o auto-conhecimento e sensação de bem-estar. Lambert é clínico geral e homeopata, e para ele é fundamental à saúde a revitalização do corpo e da mente através do descanso.



Entre os dias 5 de maio e 18 de junho o Museu de Arte Moderna de São Paulo estará expondo "O Grupo Santa Helena". Milú Villela, a presidente do Museu, convida os médicos da Associação Paulista de Medicina para o evento.



A Prefeitura do Município de Osasco, que é comandado por um médico, **Celso Giglio**, realizou, nos dias 4 e 5 de maio, encontro científico-cultural abordando temas relacionados à sexualidade do adolescente. Foram convidados para falar várias personalidades da medicina, entre elas, os médicos **Francisco Assumpção**, **Marcos Boulos**, **Rubens Zaclis** e o historiador **Carlos Figueiredo Nogueira**.



A Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBREMES) estará promovendo, nos dias 24, 25 e 26 de novembro próximo, a III Jornada Paulista Médico-Literária, na cidade de Santos, SP. Somente poderão participar os sócios da Entidade, os quais deverão inscrever-se, com antecedência, à rua Euclides da Cunha, 15, Santos. Informações: fone (0132) 37-4243.

G.A.P.